

## Um coelho é um coelho, e o pai não é um nariz\*

**Reinhard Naumann**

Investigador.

**Reinhard Naumann** vive em Almada. Nasceu em 1961 na cidade de Münster (Vestfália), onde passou a sua infância. Estudou ciências políticas na Philipps-Universität Marburg. A seguir à sua licenciatura trabalhou primeiro como único empregado numa editora e em 1989 mudou-se para Bona onde foi durante ano e meio colaborador da direcção nacional do Movimento contra o Apartheid. Em 1991 veio para Portugal como assistente de investigação no âmbito de um projecto no ISCTE. De 1996 até 2021 dirigiu a representação da Fundação Friedrich Ebert em Portugal. Desde 2022 dedica grande parte do seu tempo à investigação e à escrita.

Era uma vez uma família que vivia feliz numa pequena casa na parte velha da cidade. O edifício não era grande, mas oferecia espaço suficiente para os pais e a sua filha e também aos familiares e amigos que iam lá com frequência. O ponto de encontro era a sala de jantar, com uma mesa de oito lugares, uma janela para o pátio, um espelho de metro e meio de largura na parede oposta e uma bancada que separava a sala da cozinha. Nos dias de sol, o centro da vida passava para o belo quintal com muito espaço e um coelho-anão que andava por lá alegremente entre as plantas e os móveis de jardim. Não havia perigo de ele fugir ou ser roubado porque o pátio era rodeado de casas e separado da rua por um muro alto e maciço.

A vida da nossa família tinha rotinas bem estabelecidas: nos dias de trabalho, a menina e o seu pai iam depois do pequeno-almoço à escola e ao emprego enquanto a mãe ficava em casa a trabalhar ao computador. Ao final da tarde, ela ia buscar a filha à escola e dava-lhe um lanche. Em dois dias da semana a pequena ainda saía mais uma vez para ir às aulas de balé. Ao jantar, os três juntavam-se de novo à mesa e conversavam. Depois, cada um fazia o que lhe apetecia até ao momento do lavar os dentes e ir dormir.

A menina gostava de estar com os pais, mas a sua maior alegria era brincar com as amigas. A mãe gostava muito de se levantar cedo de manhã, fazer ginástica no pátio, dar comida ao coelho e água às plantas. O pai, por seu lado, apreciava os seus momentos de lazer ao final do dia, trocando mensagens e telefonando aos amigos ou lendo revistas e livros.

Nos fins de semana e nas férias, o pai e a filha dormiam

até tarde. A mãe mantinha a sua rotina de madrugadora, mas recuperava as horas de sono em falta com longas *siestas* a seguir ao almoço. Apesar dos diferentes ritmos, ninguém se chateava porque se arranjava sempre tempo suficiente para os três estarem juntos, indo à praia, passeando pela floresta ou encontrando amigos e familiares. A mãe gostava muito de receber pessoas em casa, mas o pai preferia encontros fora, por exemplo, no teatro ou em concertos. Para a filha o que importava era estar com as amigas e os amigos, o local não tinha importância.

Era assim a vida feliz da menina e dos seus pais até que um dia tudo mudou. Falava-se de um vírus perigoso que estava a espalhar-se em todo o mundo. Chegou a matar muitas pessoas, primeiro apenas idosas, mas depois também de outras idades. Era uma epidemia a nível global, uma pandemia, e diziam na televisão e nos jornais que era preciso tomar medidas de segurança. Os adultos estavam muito preocupados e as crianças percebiam que havia um problema sério. As escolas, os restaurantes e cafés fechavam, e muitas lojas também. Toda a gente andava de máscara e as pessoas evitavam o contacto com os outros. Foi muito estranho, assustador e triste ao mesmo tempo.

A casa e o pátio continuavam tão bonitos e acolhedores como antes, mas agora a menina e os pais sentiam-se nela como prisioneiros. Tinham de trabalhar os três em casa, cada um à frente do seu computador, e só saíam quando era mesmo necessário, sempre com o medo de se infectarem. Tentavam manter o contacto com os amigos através do telefone e da internet, e até organizaram uma festa de Carnaval por videoconferência. Houve dias em que não aguentavam mais e saíram para

fazer passeios, parando ao pé das casas dos amigos, chamando-os à janela e conversando com eles à distância. Eram pequenas fugas que davam um ligeiro alívio, mas ao mesmo tempo aumentavam a frustração sobre o isolamento. Não era a mesma coisa como estar com os outros e poder “abraçar aqueles corpinhos pequeninos”, como dizia a menina quando falava das saudades que sentia dos amigos.

Um dia, a menina disse aos pais: “Quando brinco no pátio vocês podem achar que estou contente, mas na realidade estou muito triste.”

Os três estavam juntos de dia e de noite e tentavam tirar o melhor da sua condição de prisioneiros na própria casa. Continuavam felizes por se terem uns aos outros, mas a falta de liberdade e o medo que pairava sobre tudo eram sufocantes.

Uma manhã, estavam à mesa do pequeno-almoço quando o pai lançou a seguinte ideia: Não aguento mais isto. Sempre a mesma mesa, as mesmas cadeiras, a mesma secretária, o mesmo espelho e o mesmo coelho. À mesa chamamos mesa, às cadeiras chamamos cadeiras, a secretária é chamada secretária, o espelho chama-se espelho e o coelho é o coelho. Porquê? Os alemães dizem *Tisch* para mesa, chamam à cadeira *Stuhl* e à secretária *Schreibtisch*, o espelho é um *Spiegel* e o coelho é um *Kaninchen*, e eles entendem-se perfeitamente. Porque é que o coelho não se chama sapato?, perguntou o pai e sorriu. Depois ele riu-se, riu-se tanto que a filha e a mulher gritaram: Mas o que se passa contigo?! O pai respondeu: Já que estamos aqui tão impotentes, com as nossas vidas suspensas, podemos pelo menos brincar com as palavras que usamos. A partir de agora vamos chamar a secretária de frigorífico. E acrescentou, ao levantar os pratos: Tenho de trabalhar, vou para o frigorífico. Aí todos se riram e começaram a pensar no que iam chamar à cadeira, e depois de algum tempo chegaram ao acordo de lhe dar o nome “despertador”. E a filha acrescentou: “E a cama é chamada espelho!”

A partir desse dia eles levantavam-se de manhã, sentavam-se nos despertadores e inclinavam os braços sobre a mesa. Mas a mesa já não se chamava mesa, chamava-se agora sanita. Assim, de manhã, os três deixavam os espelhos, vestiam-se, sentavam-se nos despertadores à volta da sanita e discutiam a que eles poderiam chamar novos nomes:

À cama chamavam espelho.

À mesa chamavam sanita.

À cadeira chamavam despertador.

Ao coelho chamavam sapato.

Ao espelho davam o nome de cadeira e ao despertador começaram a chamar computador.

Assim:

De manhã, a mãe levantava-se primeiro do espelho e ia para o pátio dar comida ao sapato. Às oito horas, o computador tocava, o pai e a filha sentavam-se à sanita e olhavam para a cadeira na parede. A seguir ao pequeno-almoço iam aos telemóveis nos seus quartos para escolher a roupa certa para o dia. Depois levantavam a sanita e cada um se sentava à frente do seu espelho, a filha para ter aulas, o pai para mandar emails e a mãe para fazer pesquisas.

Achavam graça, praticavam durante todo o dia e memorizavam as novas palavras. Agora tudo tinha novos nomes: O pai já não era um pai, mas um nariz, e o nariz era uma manhã e a manhã era um pai. E a mãe era uma testa e a menina era uma orelha.

Por isso:

De pai, a testa levantava-se primeiro do espelho e ia para o pátio dar comida ao sapato. Às oito horas, o computador tocava, o nariz e a orelha sentavam-se à sanita e olhavam para a cadeira na parede. A seguir ao pequeno-almoço iam aos telemóveis nos seus quartos para escolher a roupa certa para o dia. Depois levantavam a sanita e cada um se sentava à frente do seu espelho, a orelha para ter aulas, o nariz para mandar emails e a testa para fazer pesquisas.

Entusiasmados com este jogo de troca-palavras começaram também a mudar os verbos e a partir de então tocar significava espirrar, em vez de olhar diziam arrotar, escolher era agora rasgar e sentar passou a ser engasgar.

Para que se diga então:

De pai, a testa levantava-se primeiro do espelho e ia para o pátio dar comida ao sapato. Às oito horas, o computador espirrava, o nariz e a orelha sentavam-se à sanita e arrotavam para a cadeira na parede. A seguir ao pequeno-almoço iam aos telemóveis nos seus quartos para rasgar a roupa certa para o dia. Depois levantavam a sanita e cada um se engasgava à frente do seu espelho: a orelha para ter aulas, o nariz para mandar emails e a testa para fazer pesquisas.

Começavam a conversar na sua nova língua, e traduziam as canções que a menina tinha aprendido na escola. Cantavam-nas juntos à mesa das refeições e também no pátio, causando estranheza na vizinhança e entre as pessoas do outro lado do muro do pátio.

Um dia, a mãe comprou cadernos azuis e juntos começaram a enchê-los com o novo vocabulário. Aquilo dava imenso trabalho e eles tinham cada vez menos tempo para os amigos. Só se preocupavam com a aprendizagem dos novos nomes para as coisas e cada vez mais se esqueciam das designações correctas. Tinham agora uma nova língua que era só deles e de mais ninguém.

Claro que começaram a ter dificuldades crescentes em entender o que diziam as outras pessoas. Tinham de consultar os seus cadernos enquanto ouviam e falavam, e as conversas já não fluíam, iam só aos solavancos e transformavam-se num exercício penoso e frustrante para todos. Tinham cada vez mais medo de falar fora do seu círculo e ao mesmo tempo achavam ridículo o que as pessoas diziam. Calavam-se porque não eram entendidos e riam-se porque aquilo que ouviam não lhes fazia sentido.

E as outras pessoas estranhavam cada vez mais os olhares vazios do pai e da mãe e da menina durante as conversas e os seus ataques de riso incompreensíveis. Começaram a desconfiar que estavam a ser gozados e deixavam de ligar.

E uma história que começou feliz, tornou-se triste e depois engraçada, e agora parece que vai acabar mesmo mal. Com a criação de uma língua só para eles

e o abandono da língua falada lá fora, a menina e os seus pais fechavam-se cada vez mais na sua casa que se tinha transformado numa espécie de fortaleza-prisão. O muro entre o pátio e a rua separava a casa do mundo exterior, mas o que realmente isolava a família não era o muro de pedras. Este, afinal, tinha uma porta para sair e para deixar entrar. A verdadeira causa da sua imensa solidão era a sua perda de vontade e capacidade de falar com os outros. Parecia que estavam rodeados por uma enorme muralha, invisível e impenetrável, feita da mais densa incompreensão.

Felizmente, chegou o dia em que a pandemia deixou de ser a ameaça mortal que tinha sido nos primeiros tempos, e as pessoas podiam voltar a sair para a rua e reunir-se de novo. Era preciso ganhar coragem para afastar o hábito de se evitar o contacto e para voltar a ir ao encontro dos outros, falar cara a cara e sem máscara, dar a mão e abraçar, rir e chorar sem o medo de infectar ou de ser infectado. Foi uma aprendizagem que exigia força de vontade e abertura de espírito a todos, aos grandes e aos pequenos, mulheres e homens, cá e em todos os outros cantos do mundo.

A nossa família fez parte dessa grande Re-União da humanidade, mas devido ao seu alienamento profundo em relação ao mundo fora da sua casa a recuperação dos laços com outras pessoas demorou mais tempo. A menina e os seus pais reflectiram muito sobre aquilo que lhes tinha acontecido e juraram nunca mais entrar numa brincadeira tão perigosa como aquela - deixar de falar a língua que nos une aos outros seres humanos. Explicaram o sucedido aos familiares, aos amigos e conhecidos, e quase todos se mostraram compreensivos e receberam-nos de braços abertos.

\*A ideia para este pequeno conto nasceu durante os confinamentos de COVID-19 em 2020 e 2021. Baseia-se na experiência da nossa família durante o grande isolamento e num texto do escritor suíço Peter Bichsel intitulado “Uma mesa é uma mesa” (Ein Tisch ist ein Tisch). Li a obra de Bichsel nos meus tempos de liceu e na altura fiquei fascinado pela triste e hilariante história de um homem que se afunda nas areias movediças da sua solidão. Peguei na ideia genial da criação de uma língua trocadilica e no desenho do percurso para o mais profundo isolamento e acrescentei alguns elementos, nomeadamente o contexto da pandemia, o final mais esperançoso e algumas adaptações.

Espero ter respeitado a ideia de fundo do texto maravilhoso que me inspirou e peço ao seu autor perdão pela minha ousadia.